

UMA VELHA SENHORA

19 AGO 1998

CORREIO BRAZILIENSE

Newton Araújo Jr.
Da equipe do Correio

DF-Planaltina
001
Reportagem 0246

Foi o destino que levou do-
na Santina para Planalti-
na. "Estou certa disso. E
quando o destino diz, a gente
segue", filosofa a mulher de 71
anos, lembrando quando saiu de
Formosa, depois da morte do mari-
do, em busca de estudos para os fi-
lhos.

Enquanto tece a trama de um ta-
pete rústico, no Centro de Convi-
vência de Idosos de Planaltina, do-
na Santina e outros guardiões da
memória da cidade que hoje com-
pleta 139 anos passam em revista
as marcas que o tempo deixou. Ne-
les mesmos e na cidade.

Com uma programação de ani-
versário iniciada em 1º de agosto e
com término previsto para 13 de
setembro, Planaltina convive com
duas realidades aparentemente
contraditórias e irreconciliáveis.

É a cidade mais antiga do Distri-
to Federal, com casarões de apa-
rência colonial, folguedos folclóri-
cos tradicionais, trânsito até orde-
nado e charretes puxadas por ca-
valos. Mas é também uma cidade
engolida pela modernidade desor-
denada de 69 condomínios irregu-

lares, sem quase nenhuma infra-
estrutura e espetados por antenas
de televisão.

Os reflexos dessa mistura po-
dem ser detectados na fala mansa
e alegre do povo que vive no Setor
Tradicional. São pessoas que ainda
têm prazer em sentar na porta da
calçada, mas temem o avanço da
violência urbana sobre a vidinha
antes pacata.

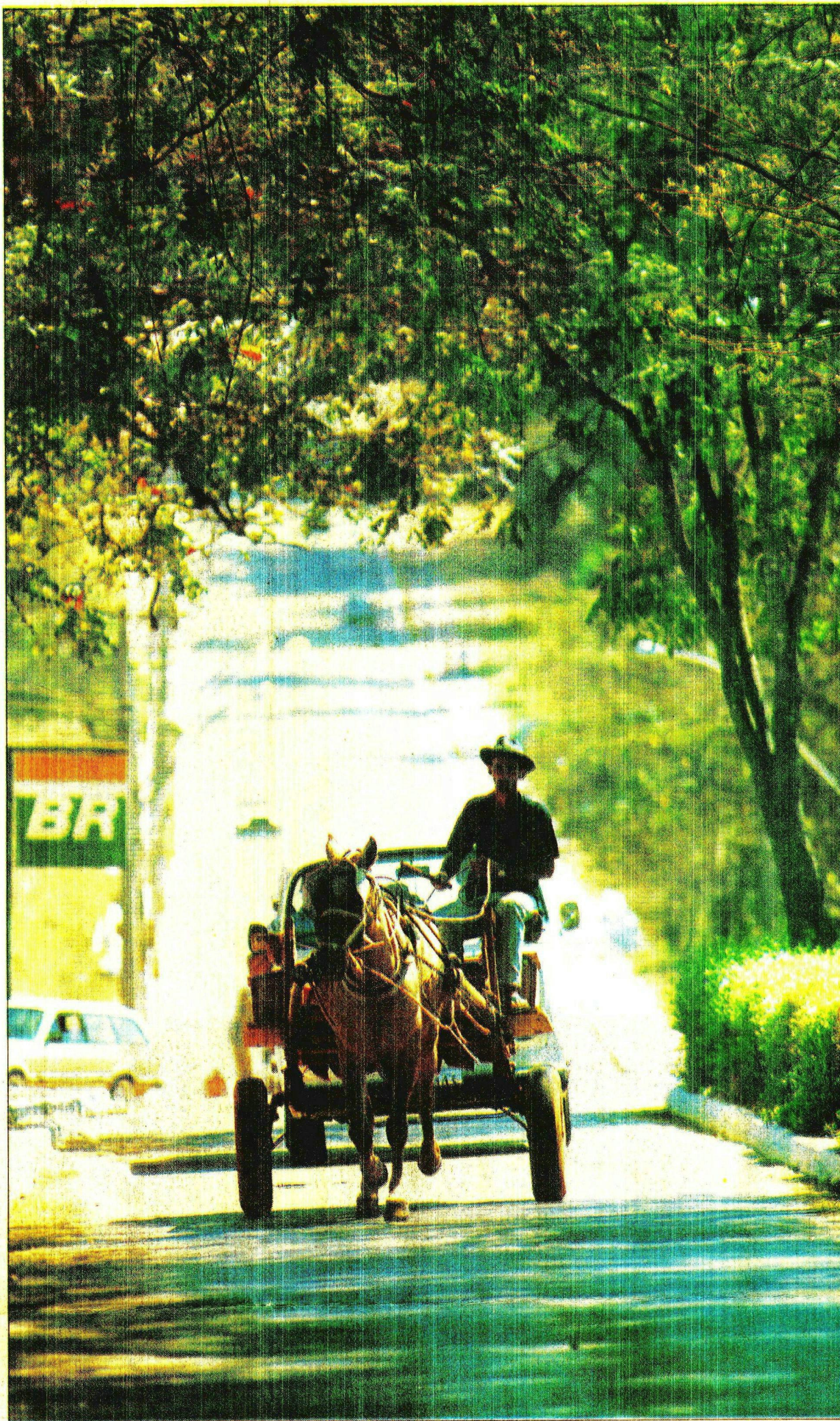
Como dona Georgina Diogo de
Oliveira, 83 anos, que vive há 24
anos na cidade e só pretende sair
de lá quando morrer. "Mas não
quero morrer tão cedo. Não sei o
que tem do outro lado. Quem
quer?", pergunta, enquanto reflete
sobre o bem e o mal, sentada num
banquinho de pedra em frente à
sua casa.

O sol forte da manhã lhe seca os
cabelos recém-lavados. "Antes era
uma calma só. Agora, o tempo
inteiro passa carro. Um atrás do
outro. Parece até casamento ou
enterro", ri, divertindo-se com a
própria piada. Da sua casa, na pra-
ça Salviano Monteiro, dá para avistar
o Museu Histórico e Artístico da
cidade.

No museu, estudantes em traba-
lhos escolares arrastam os pés so-
bre as tábuas corroídas do casarão
secular. É um dos poucos que ain-
da restam intactos e relativamente
bem conservados na cidade. Pelas
contas de Preto Resende, diretor
de Cultura de Planaltina, o ano
passado eram 135 os casarões re-
manescentes. Foram tombados li-
teralmente: ruíram e foram ao
chão mais da metade. Restam só
65 em pé.

Também não resta muito da
qualidade de vida que havia no lu-
gar. Os condomínios irregulares,
frutos do loteamento de fazendas e
chácaras, "trouxeram o desempre-
go, a diminuição do nível de renda
e, em consequência, a violência e
os assaltos", lamenta o adminis-
trador regional Sinval Melo.

Sem empregos e perspectivas, a
juventude se entrega ao vício da
merla (pasta de cocaína) e a pe-
quenos furtos para manter a de-
pendência química. "A garotada
chega em casa de tênis novo, reló-
gio novo e a família não fala nada",
confirma o major João Borges, co-
mandante da 8ª Companhia de Po-
lícia Militar, sediada em Planalti-
na. A solução preconizada pelo
major — "chibata no lombo da
garotada" — não garante eficácia
para resolver o problema. Número
de postos de gasolina: 65 em todo o
Distrito Federal, mais cinco sendo
concluídos



A charrete percorre as ruas da cidade, como se o mundo continuasse como há 139 anos. Mas Planaltina mudou

A CIDADE EM NÚMEROS

Área - 1.534,69 km quadrados
População - Cerca de 135 mil habitantes
Condomínios Irregulares - 69
Condomínio regularizado - 01
Creches - 04
Comércio - 855
Indústria - 36
Escolas - 26 urbanas, 40 rurais, 1 Caic, 10 particulares
Hospitais - 1 (Hospital Regional de Planaltina)
Telefones - 6.552 linhas em serviço, 140 orelhões, 06 semipúblicos
Delegacias - 01
Parques Ecológicos - 01 (Estação Ecológica de Águas Emendadas) Preço de uma bomba de gasolina: R\$ 15 mil

Lembranças de um tropeiro

Até hoje, seu João Machado Neto, 83 anos, não perdoa um administrador anterior por ter modificado a praça central. "Antes isso aqui tinha uma rua que passava bem no meio dessa praça. Agora é tudo uma praça só. Ele matou a entrada da cidade", reclama o homem.

Ex-tropeiro, seu João ainda lembra quando por ali passavam as tropas de burros e os carros de bois. Época que marcou o início da cidade, construída no entroncamento das trilhas que iam se emaranhando pelo interior do país.

"Antigamente, a gente podia dormir aqui nessa praça. Era tranqüilo. Hoje, nem pensar", diz, enfático, o antigo tropeiro. As lembranças da cidade sempre guardam esse tom nostálgico.

"Tinha bicho solto na rua, o córrego passava na porta do quintal de casa, e havia comidas como sarapatel, beiju e guariroba", lembra seu Fortunato Sousa Corrêa, 71 anos. "E de noite era na luz de lamparina. Depois é que a Novacap pôs três motores da Mercedes para trazer luz pra cá. Até assustava a gente, não acostumada com a novidade", lembra, divertido.

Na sua cabeça, passam os personagens que a morte levou. Ele foi ficando, com seu velho Chevrolet, fazendo mudanças e trazendo os novos moradores. "Uma vez, amarraram os presos no pé de jenipapo aqui da praça. A cadeia, de tão antiga, caiu. Era tudo ladrão de galinha", conta. Cenas que o tempo levou. (NAJ)